

CULTURA E LÉXICO NA OBRA MACHADIANA

Maryelle Nascimento - UFRPE

RESUMO: Este trabalho tem por pretensão analisar o romance **Memórias Póstumas de Brás Cubas** para compreender o modo como Machado de Assis dialoga sua ficção com a realidade brasileira e o modo como resalta o vocabulário dos personagens como ferramenta de contextualização histórica. Como modo de organizar a pesquisa, o trabalho é estruturado no enfoque do seguinte problema: “Como o romance **Memórias Póstumas de Brás Cubas** pode representar e documentar sua época?”. Considerando a importância da linguagem na interação/comunicação do homem com o social, esta análise tem como objetivos abordar a influência da linguagem nas falas dos personagens do romance citado e perceber a importância do papel do autor em situar sua obra no “tempo e no espaço”, como o próprio Machado afirmou ao discorrer sobre romance e linguagem no seu texto “Instinto de Nacionalidade”. A metodologia da pesquisa é bibliográfica, pois parte da análise do *corpus* que é o livro **Memórias Póstumas de Brás Cubas**, da análise do texto “Instinto de Nacionalidade”, da análise dos livros **Machado de Assis vida e obra – Aprendizado, Machado de Assis vida e obra – Ascensão**, ambos de JÚNIOR (2008), e também do livro **Machado de Assis** escrito por AGRIPINO (1960). Espera-se com esta investigação relacionar literatura e história para apresentar como a literatura permite conhecer uma época. Por fim, pode-se concluir que Machado estava envolvido com questões do seu tempo e apresentava isso de forma irônica ao seu leitor.

PALAVRAS-CHAVE: Cultura; Léxico; Machado.

RESUMEN: Este trabajo pretende analizar el romance **Memórias Póstumas de Brás Cubas** para comprender el modo como Machado de Assis dialoga su ficción con la realidad brasileña y el modo como resalta el vocabulario de los personajes como herramienta de contextualización histórica. Como modo de organizar la investigación, el trabajo está estructurado bajo el enfoque del siguiente problema: “como el romance **Memórias Póstumas de Brás Cubas** puede representar y documentar su época?”. Considerando la importancia del lenguaje en la interacción/comunicación del hombre con lo social, este análisis tiene como objetivos abordar la influencia del lenguaje en las hablas de los personajes del romance citado y percibir la importancia del papel del autor en situar su obra en el “tiempo y en el espacio”, como el propio Machado afirmó al discurrir sobre romance y lenguaje en su texto “Instinto de Nacionalidade”. La metodología de la investigación es bibliográfica, pues parte del análisis del *corpus* que es el libro **Memórias Póstumas de Brás Cubas**, del análisis del texto “Instinto de Nacionalidade”, del análisis de los libros **Machado de Assis vida e obra – Aprendizado, Machado de Assis vida e obra – Ascensão**, ambos de JÚNIOR (2008), y también del libro **Machado de Assis** escrito por AGRIPINO (1960). Se espera con esta investigación relacionar literatura e historia para presentar cómo la literatura permite conocer una época. Por fin, se puede concluir que Machado estaba involucrado con cuestiones de su tiempo y presentaba eso de forma irónica a su lector.

PALABRAS-CLAVE: Cultura; Léxico; Machado.

1. Introdução

Apresentada por livros didáticos como o marco do Realismo Brasileiro, *Memórias Póstumas de Brás Cubas* é uma obra narrada em primeira pessoa por um defunto-autor, que expõe sua opinião sobre a sociedade em que viveu e não economiza em seu tom crítico e pessimista ao ponderar sobre o comportamento humano. A sinceridade de *Brás Cubas* é apresentada logo no início da obra. Primeiro quando a dedica ao verme que roeu as frias carnes do seu cadáver, indicando que nem mesmo seu corpo existe no mundo e, segundo, quando destina o primeiro capítulo para conversar com seu leitor, explicando que a obra é de finado e que foi escrita em tom de zombaria.

Considerando a importância da linguagem na interação/comunicação do homem com o social, esta análise tem como objetivos abordar a influência da linguagem nas falas dos personagens no romance *Memórias Póstumas de Brás Cubas* e perceber a importância de situar a obra no “tempo e no espaço”, como o próprio Machado afirmou ao discorrer sobre romance e linguagem no seu texto “Instinto de Nacionalidade”. Partindo desses pressupostos, busca-se relacionar História e Literatura.

O livro ***Memórias Póstumas de Brás Cubas***, escrito por Machado de Assis, foi escolhido como *corpus* de pesquisa para abordar o modo como a literatura reflete sua época. Para fundamentar o *corpus*, o texto “Instinto de Nacionalidade” foi escolhido para abarcar a ideia de Machado sobre o papel do autor e qual a função da literatura. Também foram consultados os livros ***Machado de Assis vida e obra – Aprendizado***, ***Machado de Assis vida e obra – Ascensão***, ambos de JÚNIOR (2008), e também do livro ***Machado de Assis*** escrito por AGRIPINO (1960).

Dessa forma, o romance *Memórias Póstumas de Brás Cubas* será analisado para compreender o modo como Machado de Assis dialoga sua ficção com a realidade brasileira e o modo como ressalta o vocabulário dos personagens como ferramenta de contextualização histórica.

2. Resultados da análise

Memórias Póstumas é um livro que marca a mudança na escrita de Machado de Assis, pois nesta fase o autor abandona a narração em terceira pessoa e as características

românticas em voga na época. Contudo, características como apresentar um defunto como narrador, o delírio do personagem em seu leito de morte e a filosofia “humanitismo” do personagem Quincas Borba apresentada como a religião da humanidade, levam a refletir sobre até que momento pode-se considerar esta obra realista. Porém, como não considerar realista um livro que apresenta o Rio de Janeiro como cenário da obra, que cita ruas da sua região, o Banco do Brasil, os teatros Tivoli e Cassino e, ainda, cita pessoas famosas como Napoleão, Candiani, Buda, Aristóteles, Voltaire, o profeta Ezequiel, entre outros? Diante disso, deve-se considerar pura ficção um livro que abarca temas atuais e universais?

A obra em si é um jogo onde o Realismo brinca com a realidade e permite ao leitor refletir sobre o que deve ou não acreditar. Segundo Grieco (1960, p. 50), *Memórias Póstumas de Brás Cubas* é um livro repleto de influências, onde Machado relembra os vermes de Baudelaire com sua dedicatória, a heroína de Balzac ao afirmar que a filha de Sabina era “lírio do vale” e ainda relembra Castro Alves com seu “funeral orquestra” ao falar de “orquestra da morte”. A influência de autores não era a única característica encontrada na obra machadiana. Falar do seu povo e sua terra também se tornou fator importante na escrita do *Bruzo de Cosme Velho*. Com isso, Machado refletia sua cultura utilizando vocábulos específicos da época como se percebe na tabela abaixo, extraído do romance citado.

| Tabela 1: VOCABULÁRIO DA ÉPOCA | |
|---|---|
| nhonhô (modo como os escravos tratavam seus senhores - pág. 24) | cônego (padre - página 19) |
| Mucama (escrava que auxilia nos serviços caseiros - pág. 32) | tanoeiro (quem conserta barris - pág. 19) |
| Mucama (escrava que auxilia nos serviços caseiros - pág. 32) | cabriola (cambalhota - pág. 20) |
| almocreve (quem conduz carruagens ou bichos de cargas - pág. 52) | pachola (cheio de si, vaidoso - pág. 20) |
| vosmecê (tratamento formal: "o senhor" ou informal: "você" - pág. 52) | aziago (agourento - pág. 22) |

| | |
|---|--|
| patusca (pessoa boêmia, excêntrica - pág. 61) | alcova (pequeno quarto - pág. 22) |
| Baronesa (esposa de barão e recebeu o título de baronato - pág. 74) | contos de réis (valor monetário - pág. 44) |
| chapeleiro (quem vende ou faz chapéus - pág. 80) | pergaminho (diploma - pág. 51) |
| sobrecasaca (espécie de casaco atualmente em desuso - pág. 89) | algibeira (pequena sacola - pág. 57) |
| pecúlio (dinheiro acumulado por trabalho ou economia - pág. 102) | botim (espécie de bota - pág. 60) |
| alfarrabista (vendedor de objetos velhos e usados - pág. 103) | carruagem (veículo puxado a cavalo - pág. 81) |
| sege (coche fora de uso com 2 rodas e 1 assento - pág. 107) | pêndula (relógio de pêndulo - pág. 85) |
| pelintra (descarada, desavergonhada - pág. 122) | pardieiro (edifício velho, em ruínas - pág. 103) |

Fonte: ASSIS, Machado. **Memórias Póstumas de Brás Cubas**. 27ª ed. São Paulo: Editora Ática, 1999

A tabela apresenta alguns vocábulos selecionados da obra *corpus* desse trabalho. É perceptível que a maioria deles está desuso, pois representam objetos e profissões que não existem mais. Além disso, há termos que foram substituídos com o tempo, como se percebe nas definições que acompanham cada termo. Sobre essa alteração na língua, o próprio Machado (1873, p. 7) afirmou:

Não há dúvida de que as línguas se aumentam e alteram com o tempo e as necessidades dos usos e costumes. Querer que a nossa pare no século de quinhentos, é um erro igual ao de afirmar que a sua transplantação para a América não lhe inseriu riquezas novas. A este respeito a influência do povo é decisiva. Há, portanto, certos modos de dizer, locuções novas, que de força entram no domínio do estilo e ganham direito de cidade.

Mas se isto é um fato incontestável, e se é verdadeiro o princípio que dele se deduz, não me parece aceitável a opinião que admite todas as alterações da linguagem, ainda aquelas que destroem as leis da sintaxe e a essencial pureza do idioma. A influência popular tem um limite; e o escritor não está obrigado a receber e dar curso a tudo o que o abuso, o capricho e a moda inventam e fazem correr. Pelo contrário, ele exerce também uma grande parte de influência a este respeito, depurando a linguagem do povo e aperfeiçoando-lhe a razão.

Machado ainda em seu texto “Instinto de Nacionalidade” afirma que a literatura brasileira, em qualquer gênero, busca vestir-se com as cores do país para refletir sua cultura e que isto é positivo. O escritor defende o reflexo da cultura na literatura, tal como se pode conferir em sua afirmação extraída abaixo:

Não há dúvida de que uma literatura, sobretudo uma literatura nascente, deve principalmente alimentar-se dos assuntos que lhe oferece a sua região; mas não estabeleçamos doutrinas tão absolutas que a empobreçam. O que se deve exigir do escritor antes de tudo, é certo sentimento íntimo, que o torne homem do seu tempo e do seu país, ainda quando trate de assuntos remotos no tempo e no espaço. (MACHADO, 1873, p. 3).

Assim, ele defende uma literatura brasileira com temas universais e reforça seu pensamento citando Shakespeare como um “gênio universal” além de ser “um poeta essencialmente inglês”. Sobre a importância das línguas, Machado afirma que elas modificam com o tempo e que o escritor não deve considerar modismos que admitem alterações na linguagem, porém deve acompanhar seu tempo sem desconsiderar influências do passado, já que “nem tudo tinham os antigos, nem tudo têm os modernos”.

Além das influências culturais e teóricas, Machado possuía a ajuda de sua esposa, Carolina, que lhe ajudava indicando livros e autores. Esta influência foi intensificada durante a composição de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, pois o autor precisou descansar por causa de sua saúde e diante da ameaça de cegueira, necessitando que Carolina lesse e escrevesse para ele:

“... já fui doente exemplar, quando padeci de uma renite e me proibiram ler. Estive assim longas semanas. Era minha mulher que me lia tudo. Para o fim serviu-me de secretária. As *Memórias Póstumas de Brás Cubas* foram começadas por este tempo; ditei-lhe creio que meia dúzia de capítulos”. (MACHADO apud JÚNIOR, 2008: 326).

Sobre os temas de suas obras, fatos do passado também eram citados. De acordo com Júnior (2008, p. 16), em 1855, Machado publicou em *A Marmota Fluminense* a poesia *Um anjo* dedicada a sua irmã. Segundo Júnior (2008: p. 18, 19), Machado também descrevia cenas de sua vida. Um exemplo disso é que em 1854 ocorreu uma tentativa de iluminar ruas do Rio de Janeiro com gás, contudo por inexperiência dos técnicos, o gás ficou muito fraco e a cidade ficou na escuridão. Este fato foi narrado em *Memórias Póstumas de Brás Cubas* no capítulo CXXI: “o morro ainda estava nu de habitações, salvo o velho palacete do alto, onde era a capela”. Também foi comentado numa crônica de A

Semana: “Lembraram-se (era bem criança) que nos primeiros tempos do gás no Rio de Janeiro, houve uns dias de luz frouxa, de onde os moleques sacaram este dito: o gás virou lamparina”.

Carlotta Augusta Angeolina Candiani, mais conhecida como Augusta Candiani, foi atriz e cantora lírica italiana que se apresentava para a corte de Don Pedro II e nos teatros da época. Durante este período era comum os poetas possuírem alguma musa para citar nas suas obras e Augusta Candiani foi escolhida por Machado inclusive para participar da história do livro *Memórias Póstuma*, como explica Júnior (2008, p.93):

Há referências à Candiani em três passagens das *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, romance em que cita poucas datas. Da primeira vez, no capítulo LXIII — “Fujamos!” —, em que Lobo Neves diz a Virgília ter “nada menos que um camarote” para o teatro, naquela noite. Virgília pergunta: “Para a Candiani?”. Ele responde: “Para a Candiani”. Continua o romancista: “Virgília bateu palmas, deu um beijo no filho, com um ar de alegria pueril”. No capítulo LXV — “Olheiros e escutas” — escreve, numa fala da Baronesa X: “Onde se mete o senhor que não aparece em parte nenhuma? A Candiani esteve deliciosa. Que mulher! Gosta da Candiani? É natural. Os senhores são todos os mesmos. O barão dizia ontem, no camarote, que uma italiana vale por cinco brasileiras. Que desaforo! E desaforo de velho, o que é pior”. No capítulo XCII — “Um homem extraordinário” — põe na boca do Damasceno estas palavras: “Mas a Candiani! sim senhor, era papa-fina”. Só quase quarenta capítulos depois, no de número CXXX — “Para intercalar no capítulo CXXIX” — o romancista alude a uma data precisa: “A primeira vez que pude falar a Virgília depois da presidência foi no baile em 1855”. O que significa que todas aquelas referências à cantora italiana pertenciam a uma época bem mais remota, de que o escritor não participara como pessoa adulta.

Os biógrafos afirmam que Machado de Assis era um homem que gostava de assuntos da elite. Grinberg e Almeida (2005, p. 66, 67) discorrem sobre um Machado apreciador de móveis franceses e apresentam fotos de alguns mobiliários que pertenceram ao escritor e que são ricos em detalhes. Já Agripino (1960, p.9) extrapola criticando o escritor e afirmando que ele ironizava a elite em que estava incluído:

Passou com o parlamentarismo, a polidez de salão, as tertúlias de botica, as valsas lentas, os jornais de ponderosos artigos de fundo, a cultura clássica obrigando à citação de frases latinas, a comédia francesa e a ópera italiana em abundância, os barões, a casaca, a berlinda, coisas supérfluas e apenas necessárias aos excelentes memorialistas à Noronha Santos. Isso era Machado, embora Machado ironizasse tudo isso.

Neto de escravos, Machado possuía responsabilidade sobre sua escrita quando abarcava a escravidão. Segundo Júnior (2008, p. 324), Machado jamais emprestou sua escrita para jornais escravistas. Já Grinberg e Almeida (2005, p. 72) afirmam que o romancista nunca foi insensível à situação dos escravos e que inclusive gostava de observá-los quando eles trabalhavam para seus senhores, chegando a escrever uma vez que “via um amigo em cada escravo e um escravo em cada amigo”.

3. Considerações finais

Desta forma, pode-se concluir que Machado estava envolvido com questões de seu tempo e apresentava isso de forma irônica ao seu leitor, pois permitiu voz a um defunto. Como o próprio autor explicou, o escritor deve ser livre para abarcar temas universais, mas não deve perder seu instinto de nacionalidade. Assim, em **Memórias Póstumas de Brás Cubas**, Machado de Assis apresenta seu instinto com um Rio de Janeiro possuindo marquês, baronesa, carruagens, escravos e teatros e expõe ainda seu universal com o adultério, morte, ambição e traição. Sua obra é considerada o marco do Realismo brasileiro, mesmo apresentando um defunto narrador. Diante disso, percebe-se que os elementos que foram considerados para tornar a obra realista foram aqueles que representaram o Brasil sob a ótica machadiana, utilizando o escárnio para criticar a sociedade e permitindo que o Realismo brincasse com o verdadeiro sentido de realidade.

Referências

ASSIS, Machado. **Notícia da atual literatura brasileira. Instinto de Nacionalidade**. Disponível em < <http://machado.mec.gov.br/images/stories/pdf/critica/mact25.pdf>> acesso em 21 de jun. de 2015.

_____. **Memórias Póstumas de Brás Cubas**. 27ª ed. São Paulo: Editora Ática, 1999.

GRIECO, Agripino. **Machado de Assis**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Conquista, 1960.

GRINBERG, Keila; GRINBERG, Lucia; ALMEIDA, Anita Correia Lima de. **Para Conhecer Machado de Assis**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

JÚNIOR, R. Magalhães. **Machado de Assis Vida e Obra – Aprendizado**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2008, v.1.

_____. **Machado de Assis Vida e Obra – Ascensão.** 2ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2008, v. 2.

